

SÁBADO, 11 DE ABRIL DE 1925

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 1956

## Os assaltos aos Bancos

Ninguém mais do que nós deseja que toda a verdade dos factos se apure, e duma maneira inconfundível se faça a identificação dos criminosos de direito comum. Desde que se pôz a suspeita de que se tratava de elementos em ligação com o movimento operário, é do próprio interesse do sindicalismo que se faça a prova, que não ofereça nenhuma dúvida, sobre quem foram os indivíduos que praticaram êsses actos.

Enquanto se não fizer essa prova, os nossos inimigos aproveitarão essa circunstância para lançarem contra todo o movimento sindicalista uma responsabilidade que só cabe a uma minoria insignificante de indivíduos, que não se sabe bem quem são, nem de onde veem.

E é precisamente contra isso que protestamos: capiosamente a imprensa burguesa não faz outra coisa senão confundir propositalmente os operários honestos, de orientação revolucionária, com quaisquer bandidos. Ora como nenhuma solidariedade moral nos pode ligar aos autores de verdadeiros crimes, não pode a nossa dignidade sofrer a afronta que se pretende lançar ao movimento operário, como se este não fosse desde o seu início senão um permanente incitamento ao crime.

Compreendemos perfeitamente o manejo das direitas. Com o pretexto do banditismo de meia dúzia de indivíduos, pretende-se alvejar toda a organização operária e, se for possível, destrui-la.

Nada é de estranhar. Já vimos derrubar-se um ministério, atribuindo ao seu presidente uma ofensa à Guarda Republicana, que aliás se não considerava ofendida. Agora o plano é idêntico. Alveja-se a C. G. T., pretendendo-se fazer ver a toda a gente que ela não passa dum antró de bandidos.

Que o operariado se vá preventivamente para a reacção que se prepara e que se disponha a resistir e a não se deixar esmagar. Praticar-se crimes? Pois bem. Capturem os seus autores, se quizerem. Mas só os seus autores. De forma nenhuma, com o pretexto de tais crimes, se procure abranger indistintamente, na acção da justiça, culpados e inocentes, com a desculpa própria duma terra de caíres, de que não há maneira de conseguir prova jurídica pela covardia das vítimas e das testemunhas presenciais.

Se o fizerem, que o operariado saiba dar a resposta devida a um tal procedimento, desafrontando-se da infâmia com que pretendem desvirtuar o movimento sindicalista.

## Uma obra interessante

## Um curso destinado aos jovens operários

O curso *Educação para a vida*, mantido pela Universidade Popular Portuguesa e regido pelo professor Emílio Costa, vai passar a funcionar, a partir da proxima semana, na sede do Sindicato dos Chauffeurs, ao Largo de S. Domingos, 11, J. 2.º onde a U.P.P. tem uma das suas secções.

Vinhame as lições desse curso sendo dadas na sede da Universidade, mas como muitos dos operários inscritos tivessem dificuldade em frequentá-lo regularmente, por residirem em lugares muito afastados daquele local, deliberou o conselho administrativo da mesma Universidade estabelecê-lo no ponto mais central da cidade, mercê da boa-vontade dos corpos gerentes do referido Sindicato.

Aproveita a Universidade Popular o encontro, para, sem prejuízo dos alunos que o têm frequentado, abrir agora uma nova inscrição, especialmente destinada a operários jovens; indo assim ao encontro dos desejos que alguns destes têm manifestado nesse sentido, inscrição que estará patente esta noite e nas de segunda a quinta-feira, das 21 às 22 horas, no Sindicato dos Chauffeurs.

As lições, as primeiras das quais serão sobre História, passarão a ser às terças-feiras, das 21 às 22 horas, excepto a da próxima semana, que se realizará na sexta-feira, á mesma hora. A inscrição é gratuita.

## Conflitos entre comunistas e fascistas

ROMA, 10.—Em Bologna e Fanzia se veram desordens entre fascistas e comunistas.

Diversos grupos de comunistas atacaram a tiro vários fascistas, matando dois e ferindo outros gravemente, além de pessoas que nada tinham com as desordens e passavam nessa ocasião pelos locais em que elas se deram.

## O PARAÍSO BURGUÊS

## A POBREZA QUE MORA PERTO DO CEMITÉRIO ORIENTAL

### A vida miserável dos túgurios da quinta das Galinheiras

Arredores da cidade. Vidas sombrias que arrastam a sua tragédia fora da capital.

Como um enorme cérco de famintos prestes a invadir Lisboa, toda a linha de cintura é um vasto acampamento de miseráveis. Fora da cidade é mais fácil instalar esse acampamento. Os bairros pobres da cidade, já não comportam mais desgraçados. As furnas da serra de Monsanto estão atulhadas.

O albergue nocturno das escadas, das arquadas, das pilhas de madeira do Aterro não oferecem logar para mais ninguém. Daqui a fuga para os arredores. E é então impressionante observar os logares escorludos, os logares onde a horda dos miseráveis improvisa as suas moradias.

«Na minha casa são duas famílias. Nesta

Aqui não há valdevinos... Não há roubos. O senhor é da polícia?

Pobre gente! Ninguém os procura. Vivem num abandono deplorável.

Os pensadores humanitários das «fórcas vivas» não dão com eles. Só admitem que quem os procure sejam agentes de polícia. Desgracados. Para eles uma visita é uma perseguição.

— Não senhor. Não somos da polícia. Queríamos apenas saber quanto pagam aquela pelas rendas.

— As rendas. Não vale a pena... Não há casas. Há gente que fica aí para baixo a sofrer, porque não tem aqui onde ficar. Estamos aqui todos apertados.

— Na minha casa são duas famílias. Nesta



Um triste cenário de miséria e de abandono

E' quase sempre entre um acumulado de ruínas, ou junto à casaria branca dos cemitérios. E' assim o Paraíso burguês. A ruína, a desolação, a morte. Pior. E' a ruína como cenário. E' a morte como existência, a morte lenta, de vidas apodrecendo. E' o que temos visto por toda a parte. Foi o que acabámos de observar nas proximidades do cemitério do Alto de São João: na quinta das Galinheiras. E' um amontoado de casebres perdidos entre os arvoredos. E' o destino desta pobre gente. Escondidos, ignorados, fazendo uma existência à parte, distante de tudo, fora de tudo quanto represente um sintoma de existência humana.

Difficilmente os cães se submeteriam àquela vida, onde a morte espereita e martiriza com lendides horribles. Os desgraçados bem tentam fugir ao perigo. A casa é a rua, é a estrada, é o ar livre. Suspensos dos telhados, quase rentes ao solo como se os túgurios fossem tragedados pela terra, vêem-se mantas rótulas, fedias, recebendo a esmola dos raios solares. Os postigos que tanto podem ser portas como janelas, estão completamente escancarados, deixando ver a cama, e um pedaço de parede, carcomida pela humidade, repleta de trapos e utensílios pendurados. Tudo o mais é posto cá fóra.

— O senhor deseja alguma coisa? Procura alguém...

Como não respondessemos logo, a velha que se nos dirigiu, insiste:

— Olhe que isto aqui só mora bôa gente.

— E as rendas? Quanto pagam aqui por estas barracas?

— Trinta a quarenta mil réis. Bastante nos custa a pagar.

A pobre mulher ficou por momentos abstrata, o olhar perdido ao longe, depois encarando com os ciprestes do cemitério:

— Mais nos valia morarmos ali. Tenho pensado muitas vezes nisto...

Um dos pequenos, que esteve durante este tempo brincando com um cão, aproxima-se de novo.

— Tinha pena é destas crianças. O pai destas, morreu numas obras. Eu é que o vou amparando. Não sei o que será dele. Tendo que o deixar andar em liberdade, porque não posso ter a criança metida numa barraça destas.

— Os outros a mesma coisa. Nunca sabemos por onde elas andam. Pode ser que ainda venham a ser homens, mas não me preocupo...

— Chora.

— Quando penso nisto... Não posso encarar com a minha vida... Não é bom. E' por elas... Não quere mais nada de mim, não... Vou-me afiar ao trabalho, porque não podemos estar tanto tempo parados... Adeus...

Voltou as costas, baixou a cabeça, para entrar a porta, e desapareceu num dos pardieiros, num dos logares malditos do Paraíso burguês.

As ordens dadas o comissário do governo reclama uma condenação severa.

Se o conselho condenar o acusado, é de prever uma pena de cinco a vinte anos de reclusão, mas se forem admitidas as circunstâncias atenuantes, a condenação poderá baixar a cinco anos.

Em seguida fala o advogado Berthou, defensor do acusado.

Depois de ter atacado a política de Clemenceau na Rússia e referindo-se a Noulen, lê uma extensa lista dos conselhos de administração presidiados pelo ex-embaixador. Apresenta-o comprando na Rússia, por uma ridícula quantia, um casal de Boris Savinkoff são bem explicitas nesse ponto.

— Noulen — afirma o advogado — espécula, apregoando a queda dos bolchevistas. E com este fim fazia trabalhar todos aqueles que estavam sob as suas ordens. As memórias de Boris Savinkoff são bem explícitas nesse ponto.

Falando na condenação de 1919, o advogado de Jacques Sadoul expõe mais uma vez ao conselho a sucessão esmagadora dos factos. Dois pontos: no dia 19 de Outubro, decisão do partido socialista de apresentar Sadoul às eleições legislativas que se deviam efectuar em Novembro; no mesmo dia ordem de informação contra él.

No dia seguinte, dia 20 de Outubro, ordena de julgamento; no dia 22, depoimento do relatório Mangin-Bocquet e ordem a Sadoul, que se encontra na Rússia bloqueada, para comparecer perante o conselho de guerra no prazo máximo de 10 dias.

Como Sadoul não pôde obter a respectiva autorização é condenado à morte por contumacia.

O governo tinha obtido tudo o que desejava: Sadoul já não podia ser eleito e no entanto, em sinal de protesto, 40.000 votos agruparam-se em redor do seu nome.

Deixando ao advogado Flach a missão de defender Sadoul quanto aos factos, él que defendeu a sua política, termina pedindo ao conselho para apenas julgar conforme a consciência lhe ditar.

Continuando uma espécie de estudo psicológico, alias simpático, do carácter do acusado e do móbil da sua conduta na Rússia, o comissário do governo confessou: «Se tudo isto é compreensível num homem político, da parte dum oficial é bastante para admirar.» E pouco depois: «Sadoul foi deserto apenas moralmente.»

No final, não encontrando nenhuma circunstância atenuante nos actos do capitão Sadoul acusado de ter desertado em tempo de guerra, estando de licença em Moscovo e não ter cumprido a missão, segundo

## O SUPLÍCIO MODERNO

### Em Portalegre os presos estão condenados à morte!

#### Quando cessa a indiferença do governo pela vida dos encarcerados?

O governo actual seguindo as pisadas dos que precederam, encara, com a maior indiferença, a situação em que se encontram, em Lisboa e por todo o país, as prisões.

Um assunto de grande importância ainda não mereceu sequer um minuto de reflexão dos homens que ocupam as cadeiras do poder. Debalde aqui temos gritado a nossa indignação contra o estado em que as massmorras se encontram; debalde nestas colunas têm erguido o seu protesto criaturas de grande envergadura mental. Tudo parece inútil.

Não há pior surdo do que aquele que não quer ouvir. E o governo, até agora, ainda não quis ouvir os que protestam contra as grades assassinas, grades que matam, grades que torturam. Debalde ainda a voz dos torturados tem feito sentir o seu protesto, tem reclamado o direito a não morrer ao abandono. O governo está surdo... o governo não quer ouvir.

De quando em vez um preso morre — morre porque o seu cárcere o matou. Morre à mingua de alimento, morre por não ter agasalho, morre por não ter, nem higiene, nem ar, nem luz. Morre, sendo inocente, morre sem ter sido julgado. E os jornaes registam o acontecimento sem lhe dar relévo, sem a menor indicação de que um preso morreu na cadeia que foi a cadeia quem o matou.

E o governo? O governo fica quieto, silencioso, indiferente. Tanto se lhe importa que um preso morre como viva. Um preso não conta, a vida dum preso não tem valor. Podem em vez dum preso morrer dez. A atitude seria a mesma.

Se em vez de cem presos, morressem mil o governo não se incomodaria. E, finalmente, se em vez de mil presos morressem todos a indiferença do governo não se modificaria. Que estejam todos vivos, que estejam todos agonizantes, ou ainda que tenham morrido todos, o governo não se importaria. Vivos ou mortos, os presos não são homens nem farrapos de homens. Nem animais sequer. Neles não palpita a vida... Os presos são mercadorias, simples mercadorias, mercadorias sem valor, cuja deterioração não acarreta prejuízos, cuja desaparição em nada perturba a marcha inalterável das coisas... Não é verdade que por isso o sol não deixaria de brilhar e a terra não cessaria seu continuo e eterno movimento?

Essa indiferença cínica não pode persistir. Exige-o a vida de milhares de vidas! Quando a indiferença cessa? E a morte?

#### Outra cadeia que mata!

PORTALEGRE, 9.—A campanha levada a efeito pela *Batalha*, a favor da liquidação dos malditos e temerosos túmulos de vidas que são as cadeias desta *modular* democracia, tem aqui como de resto em todo o país causado a melhor impressão, pois que todos bem recordados estão de quando a figura do então grande tribuno António José de Almeida aqui esteve, as palavras que ele acerca dessa vergonha do século XX profiriu.

Aqui, como em todo o país, a cadeia civil é uma verdadeira fábrica de doidos, vadios e criminosos, pois aos que são atingidos para aquele antro onde tudo, absolutamente tudo falta, desde a higiene ao agasalho e desde o conforto ao alimento sadio e bom, outro recurso lhe resta senão a revolta contra o meio em que vivem e a situação que lhes criaram; revolta que em cérebros bem formados ou educados, em vez do crime os levaria à condenação formal da sociedade em que vegetam, mas não antes os leva à prática de actos condenáveis.

— Garantimos — disse a comissão — que a venda será amanhã normalizada e embora agradeçamos a vossa oferta, não a aceitaremos no entanto.

Há também, acrescentaram os comissionados, de nossa parte o dever de transmitir à classe, que vai reunir em assembleia, as bases da solução do conflito. Como esta é que é a soberana, só esta dará a última palavra.

As declarações feitas ultimamente no processo de Magdeburgo por Fehrenbach, antigo chanceler, ultrapassam todos os julgamentos que até agora se tinham feito sobre a sinceridade de Ebert e dos outros socialdemocratas.

— Ebert — disse, Fehrenbach — nunca foi revolucionário. Muitas vezes lhe ouvi que ele e os seus amigos eram, sem dúvida, socialdemocratas, mas que poderiam perfeitamente atingir os seus fins no quadro monárquico racional.

Acrescentou que no momento em que a situação de Guinherme estava perigilante, Ebert lhe disse: «que a pessoa do kaiser se tinha tornado impossível, mas que se poderia reconhecer o seu filho mais velho como imperador.»

## Os vendedores de jornais alcançaram absoluta vitória

### Pereira da Rosa, a despeito de ter tudo organizado para dispor os grevistas, mandou-os chamar à pressa e submeteu-se a todas as condições

— Peço-vos uma resposta ainda hoje, pois quero, que o assunto fique hoje arrumado concílio o sr. Rosa.

E a comissão saiu a cumprir o seu mandado.

A urgência do sr. Pereira da Rosa era justificada em razões que ele deve conhecer muito bem.

Não queremos dizer que fosse imposição dos accionistas ou devido à política de *A Batalha*.

Mas...

#### O entusiasmo pela vitória

Dentro de uma hora estavam realizadas as principais *démarches* para a solução do conflito. A comissão não precisou de utilizar-se do automóvel oferecido pelo sr. Pereira da Rosa.

Até neste pequeno detalhe os vendedores deram uma prova da sua independência que muito o dignifica.

</

dios num a pequena ilha e prepara-se para repelir o ataque das forças do Panamá.

Pode ser que o americano Marshjaun um aventureiro em busca de fortuna mas selva de São Blas e que incite os índios à rebelião para facilitar aos Estados Unidos um pretexto intervencionista, mas a burguesia de Panamá não pode erigir-se em defensora dos indígenas que ela maltrata e aniquila para enriquecer-se com fáceis explorações e iniquos latrocínios.

O episódio de São Blas é típico na acção civilizadora dos brancos na América. A conquista fez-se, e ainda hoje se faz, desfrutando as raças primitivas, acorrando os índios nas regiões selvagens, impondo aos vencidos o jugo do salário e estabelecendo feudos nas terras das comunidades indígenas.

Na verdade, Panamá é um feudo dos Estados Unidos da América do Norte. O que papel representa a burguesia da pequena república nessa feroz extermínio das populações autoctonas?

O papel de gendarme, de verdugo e de inquisidor. Os índios de São Blas serão tratados pacificamente... a golpes de baioneta e a fogo de canhão.

E assim que os países imperialistas costumam civilizar aqueles que não querem coadjuvá-los nos seus crimes.

## EM ESPANHA

### A situação é grave

A União Patriótica que Primo de Rivera fundou, para defender a sua política e que devia, segundo ele o julgava, ter em Espanha o papel que o partido fascista tem em Itália, acaba de publicar um manifesto.

Na verdade, esse manifesto contenta-se em renovar as promessas que Primo de Rivera formulou quando produziu o seu golpe de Estado: expansão da indústria, do comércio e da agricultura, liquidação dos assuntos de Marrocos e saneamento da política. Mas essas promessas já não enganam ninguém.

O Directório em vez de sanear a política veio corrompê-la ainda mais e as histórias escandalosas que correiam acerca de Primo de Rivera são inúmeras.

Em vez de estimular o esforço económico, o Directório deprimiu-o.

Em vez de arrancar a Espanha dos embraços da guerra marroquina, as derrotas têm sido sucessivas e os rifenhos ainda se sentem mais fortes do que nos primeiros tempos.

### Uma grave crise económica

A crise económica da Espanha agrava-se dia a dia, e em especial a crise comercial. Em Madrid nota-se a falta de "touristes". Há grandes hotéis que podem conter 250 viajantes e que actualmente apenas possuem cinco ou seis. Os empresários dos teatros tiveram que reunir-se a fim de tomarem várias medidas para conjurar a greve dos espectadores.

Na Catalunha, 50% das fábricas apenas trabalham três dia por semana. E em Barcelona, os operários vêm-se impossibilitados de se poderem reunir, pois a maior parte dos chefes das organizações estão de férias por razões políticas.

## NO EGITO

### O processo dos «assassinos» de Lee Stack

O inquérito sobre o assassinato de sir Lee Stack está praticamente terminado. Espera-se que a data do processo seja determinada dentro de alguns dias.

Diz-se que quatro dos acusados confessaram o crime, mas não se declara que esse número deviam estar incluídas as autoridades inglesas no Egito.

## Zinovieff e as Trade-Unions

REVAL, 10.—Zinovieff presidente do Conselho Executivo da Terceira Internacional, referindo-se à conferência entre as Trade-Unions inglesas e russas, disse que aquela conferência era mais um passo para a bolchevização do mundo.

## São Carlos

Encontrou este teatro uma pega soberana, O SÍN. DE ALARME, que o público acolhe todas as neves com entusiasmo invulgar. O desempenho óptimo, serve para evidenciar o mérito dos que interpretam a deliciosa comédia.

## NO TEATRO POLITEAMA

### Uma interessante festa da Escola Comercial de "Veiga Beirão"

Amanhã realiza-se em "matinée", no Teatro Politeama, a festa anual da Caixa Escorial da Escola Comercial de "Veiga Beirão".

Este ano será levada à cena em 1.ª representação, desempenhada por alunos de ambos os sexos, na sua maioria de 13 a 15 anos, a opereta em 3 actos "Estrela de Alva" que os seus professores srs. Cândido Carvalho e Antônio Eduardo da Costa Ferreira têm estado a ensaiar com todo o carinho e arranjaram de forma a constituir 3 actos cheios de encantadora música, com um leve entrecho, passado numa poesia de pescadores.

Vai ser uma ocasião de mostrarem às suas famílias e ao público o seu aproveitamento nos cursos de Canto Coral que a Caixa Escolar mantém, pois que a opereta é um pretexto para a exibição de 30 números de música—canções, serenatas, marchas, duetas e uma rapsódia de cantos populares.

O produto líquido desta simpática festa é destinado a manter durante o período lectivo os cursos de Educação Física e de Canto Coral, criados pela Caixa Escolar para todos os alunos da Escola.

## AGREMIAÇÕES VARIAS

Sociedade Promotora de Educação Popular—Hoje, às 21 horas, récita promovida pela direcção, em que toma parte o trio de variedades "Os serranos", com o programa seguinte:

1.ª parte: Distribuição de vestuário e calcado a 38 aldeões da escola desta Sociedade; 2.ª parte: Representação da comédia em 1 acto "Os crimes do Brandão"; 3.ª parte: Variedades; 4.ª parte: Representação da opereta em 1 acto: "Um casamento por música."

Cordealdade franco-turca

PARIS, 10.—Regressando de Angóra, Franklin Bouillon, embaixador da França junto da Turquia, declarou aos jornalistas que as relações entre os dois países são das mais satisfatórias.

## OS ASSALTOS ÁS CASAS BANCÁRIAS

### Ainda prosseguem as investigações da polícia

As notícias que veem a lume na imprensa sobre o assalto ao cobrador Eduardo Costa e as ameaças às casas bancárias são dinâmicas da polícia. Os jornais consente a sua cérémonia ou ainda os que se fingem incoloras e são reacionários adubam-nas, parcializando-as consonante as suas tendências e conveniências. Fazemos esta declaração porque, para publicarmos informações só temos uma entidade que é a mesma de todos os jornais, e não queremos responsabilizar-nos por qualquer carapacão que elas contenham.

A polícia fez uma importante descoberta: encontrou ali para Monsanto, na Cruz das Oliveiras a mala do cobrador que, como é de prever, estava vazia...

Daniel Severino e Arsenio José Felipe foram novamente interrogados mantendo-se na negativa, não tendo agora sido encontrada, contra elas, qualquer prova.

Os gerentes das casas bancárias prestaram declarações no governo civil. O da casa Henri Burnay declarou que estiveram ali vários indivíduos, entre eles José Gomes Pereira, "Avante" e Joaquim Antônio Pereira, "Bela-Kun", pedindo dinheiro para os sem trabalho, não tendo sido atendidos. O gerente da casa Tota afirmou que Joaquim Antônio Pereira também lá esteve, pedindo dinheiro para os sem trabalho. Não o atenderam, tendo-o até posto fora do estabelecimento. Igual declaração foi feita por parte do Banco Espírito Santo que não estabeleceu a identidade do indivíduo que o procurou.

Na casa Soto Maior estiveram também José Gomes Pereira, "Avante" e Joaquim Antônio Pereira, pedindo dinheiro para os sem trabalho. As casas bancárias estão vigiadas pela polícia afirmando que corre o boato dum novo assalto. Contudo as notícias dadas pela polícia não falam de assalto mas duma burla, o que lhe diminui grandemente as proporções. Ainda se encontram presos Elpidio Duarte Silva, José Filipe e Hilário Gonçalves que foram detidos quando se encontravam no governo civil para visitar os presos.

Escrivem-nos Joaquim Antônio Pereira e José Gomes Pereira, "Avante" para nos dizerem que não tomaram parte nos assaltos, afirmando este último que se encontra fóra de Lisboa, tratando de negócios

**Sociedades de recreio**

**Concentração Musical 24 de Agosto**

— Realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma

rápida promovida pela direcção, havendo

baile até de madrugada.

**Grupo Dramático de Belém** — Em

virtude de várias dificuldades imprevistas,

já não se efectua hoje o anunciado concurso de cegadas que este grupo tencionava levar a efeito.

**IMPRENSA**

O "Messinense"

Recebemos um número especial do "Messinense" dedicado em homenagem a João de Deus. Belo aspecto gráfico e variada

colaboração literária.

**Uma crueldade!**

O jovem sindicalista Casimiro Firmino, há cerca dum ano que luta com uma grave doença. Tendo transitado pelo hospital de Santa Marta, o dr. Puledo Valente diagnosticou a sua enfermidade de "Mal de Pott". Como não encontrasse alívio aos seus padecimentos aquele elemento recolheu-a sua casa, onde agoniza no leito.

Pois a pesar da sua precária situação a polícia não deixa de o incomodar. Há dias numa visita que lhe fez, pretendeu desmembrar as funções de médico, pondo a certa altura em dúvida o estado do enfermo, isto no propósito de o levar preso.

Não posso praticar os seus desejos exactamente porque Casimiro Firmino não se pôde levantar.

Que perigoso elemento deve ser este

doente!

**As finanças francesas**

PARIS, 10.—Herriot respondendo ontem na Câmara dos Deputados a várias interpellações sobre a política financeira do seu governo, demonstrou que o orçamento francês, em consequência da falta de pagamentos da Alemanha, se achava agravado em 146 bilhões de francos, a que se torna urgente acorrer por meio dum rigoroso polígrafo.

Não posso praticar os seus desejos exactamente porque Casimiro Firmino não se pôde levantar.

Que perigoso elemento deve ser este

doente!

**CONTRA A INGLATERRA**

Lord Balfour valiado e apupado em Damasco...

DAMASCO, 10.—Têm continuado os

distrubios nesta cidade e as manifestações

hostis contra Lord Balfour. O combóio em que Lord Balfour viajou de Haifa para Damasco foi guardado pela gendarmeria síria.

Lord Balfour foi saudado pelo conselheiro da Inglaterra em Cairen a pequena distância da cidade, tendo saído do combóio e subindo a Carras cumprido o compromisso servido admiravelmente pelo célebre coronel da Freiria; agora que é desculpa, a Carras esboça desculpas, balbucia vagas e incertas alegações, mas recusa terminantemente baixar as tarifas. As oscilações do câmbio, enquanto ista, inalteravelmente, subindo, a Carras cumpriu o compromisso servido admiravelmente pelo célebre coronel da Freiria; agora que é desculpa, a Carras esboça desculpas, balbucia vagas e incertas alegações, mas recusa terminantemente baixar as tarifas... É certo que esbarra dum formidável argumento: descer o preço do carvão. A lenha não está a 160'000 está quasi a 90. Ela não quer saber de razões, recusando-se descer as tarifas e com temos se mantém nessa atitude. E a Câmara Municipal? A cerca da irresolução, da tibieza da Câmara frente à rebeldia concreta da Carras recebemos do Sindicato dos Tanoeiros de Lisboa um ofício de indignado protesto. Nesse ofício salienta-se com justiça, com bom senso e com lógica que a população não pode estar à mercê da ganância dum companhia que a esbulha e da inézia dum Câmara Municipal que não

aceita por meio dum rigoroso polígrafo.

A Câmara aprovou seguidamente uma moção de confiança por 290 votos contra 246.

**GRANDE ÉXITO**

**O Sinal de Alarme**

NO

**Teatro de São Carlos**

Peça de complicada montagem

e recheada

de «trucos» sensacionais

## Um depoimento importante

O sr. João Pedro dos Santos, que foi director da P. S. E. durante o governo José Domingos dos Santos concedeu a um jornal da noite uma entrevista da qual extraímos as seguintes afirmações:

— Só me resta descansar após estes 4 longos meses de trabalho incessante, com a satisfação de, durante esse espaço de tempo, não ter havido bombas, assaltos, greves e assim alguma coisa ter contribuído para o bem-estar social.

A afirmação é importante partindo como parte dum ex-director da P. S. E. Não houve bombas, nem assaltos. E nesse período não se deram perseguições, nem prisões. E ainda há bùros que confiam na obra dum rebuscas e desassossego, desperado, colera, descedendo a ódio, provocado violências!

E há ainda quem pretenda que se regresse a novas violências, sendo bastante conservadoras as pessoas que só nefasta pertencem a este tipo.

Um oficial do exército que mandou cometer barbaridades contra animais

Na rua Marques da Silva, ao lado da Vila Gomes, está em construção um "chalet" pertencente a um oficial do exercito.

O transporte de materiais é feito por soldados, em carroças do Estado.

Os soldados, quando as alimárias não

dão o esforço que elas ou o dono do "chalet" entendem que devem dar, esparramam com cabos de picaretas, pás ou outra

qualquer causa que encontre à mão, não sendo raro remarem-lhes com os tijolos que transportam.

Esta forma de tratar os animais traz inúmeras muitas pessoas das vizinhanças, que frequentemente vêem a presença.

Ontem, Jaime de Mira Leal, sócio n.º 6.513 da Sociedade Protectora dos Animais, tendo sido informado dos barbarismos acima relatados quis conhecê-los de vista.

Na sua Marques da Silva, ao lado da Vila Gomes, está em construção um "chalet" pertencente a um oficial do exercito.

O transporte de materiais é feito por soldados, em carroças do Estado.

Os soldados, quando as alimárias não

dão o esforço que elas ou o dono do "chalet" entendem que devem dar, esparramam com cabos de picaretas, pás ou outra

qualquer causa que encontre à mão, não sendo raro remarem-lhes com os tijolos que transportam.

Esta forma de tratar os animais traz inúmeras muitas pessoas das vizinhanças, que frequentemente vêem a presença.

Ontem, Jaime de Mira Leal, sócio n.º 6.513 da Sociedade Protectora dos Animais, tendo sido informado dos barbarismos acima relatados quis conhecê-los de vista.

Na sua Marques da Silva, ao lado da Vila Gomes, está em construção um "chalet" pertencente a um oficial do exercito.

O transporte de materiais é feito por soldados, em carroças do Estado.

Os soldados, quando as alimárias não

dão o esforço que elas ou o dono do "chalet" entendem que devem dar, esparramam com cabos de picaretas, pás ou outra

qualquer causa que encontre à mão, não sendo raro remarem-lhes com os tijolos que transportam.

Esta forma de tratar os animais traz inúmeras muitas pessoas das vizinhanças, que frequentemente vêem a presença.



# A BATALHA

## A vida operária na Inglaterra

### A situação da indústria mineira e do operariado em geral

No Parlamento inglês, o operário, de há uns tempos para cá tem sido defendido de forma digna de registo.

O partido trabalhista, pelo menos, tem sido incansável na batalha que empreendeu em prol do salário dos trabalhadores, dos mineiros especialmente, e pelo conhecimento profundo dos assuntos que defende, tem contado extraordinariamente com a maioria intelectual dos representantes do poder.

Para darmos uma ideia do que afirmamos, eis uma parte do discurso do ministro das minas, o coronel Lane-Fox:

“Não há precedentes para a reforma pedida; a ocasião é mais escolhida; seria necessário um tempo extremamente longo para a reorganização indicada; é preciso contar com o progresso da ciência, e assim sucessivamente, sem sair destas banalidades e destas frases sem nexo.”

Na realidade, a indústria mineira, achava-se numa situação terrível: cem mil mineiros encontram-se sem trabalho, muitas minas estão preparando-se para fechar, e o salário dos trabalhadores fê-lo sido reduzido de tal maneira que (conforme disse Stephen Walsh, ex-ministro da guerra) um milhão de mineiros e suas famílias (prefazendo um total de 5 milhões de pessoas), correm o risco de morrerem de fome.

Robert Smillie, que em tempos foi operário mineiro, exigiu no Parlamento, que a fiscalização das minas fosse feita por delegados mineiros e os lucros enormes dos proprietários fossem reduzidos.

Smillie, escusões, exclama: “Temos o hábito de falar negligentemente da huíla; devíamos respeitá-la um pouco mais, pois está maculada do sangue dos nossos amigos!”

Com efeito, as estatísticas oficiais do ano de 1923, acusam 1.293 mineiros mortos e 211.610 que sofreram acidentes mais ou menos graves.

### A atitude dos Sindicatos

A. J. Cook, secretário da Federação dos mineiros encontrou-se por várias vezes com os representantes dos outros sindicatos. Mas surgiu uma dificuldade. Em 1921, foram os proprietários que proclamaram a chômage, a fim de reduzirem os salários e na luta que se seguiu, os sindicatos dos mineiros sacrificaram tudo o que possuíam. De esse tempo para cá os mineiros têm visto em sérios embargos.

O grande sindicato dos empregados ferroviários encontra-se, pelo contrário, floriente e não se sente descontente com a sua situação actual.

Neste momento há cem mil mineiros sem trabalho e este número tem mais tendências para aumentar do que para diminuir. O total dos operários sem trabalho atinge 1.129.200, notando-se um acréscimo do ano passado para cá.

### Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Sobre a realização dum comício no 1.º de Maio em Eredval, conferenciou ontem com o chefe de gabinete do ministério do Interior o Secretariado Jurídico da Confederação Geral do Trabalho, tendo aquela entidade informado que o comício referido não podia ser impedido, desde que se respeitassem as praxes legais. Para que não houvesse contrariedade da maior prometer o mesmo senhor transmitir as suas ordens para Eredval.

O mesmo Secretariado, numa entrevista que teve com o ministro da Justiça, tratou da situação dos presos sociais que se encontram em África. Como o assunto está afeto à Procuradoria Geral da República, o Secretariado realizará novas demarcações das entidades competentes.

### INTERESSES DE CLASSE

#### Os operários da indústria mobiliária de Coimbra

em face da angustiosa situação que atraíram, têm de unir-se todos

COIMBRA, 9.—Não podia deixar de ser: alguns operários de mobiliário, desta cidade, depois de pesarem bem a situação crítica que a classe atravessa, resolveram constituir-se em grupo para agir de forma a que os interesses da mesma classe sejam, mais uma vez salvaguardados, pois, certos industriais com a sede de fazerem fortuna, explorando infamamente uns pobres desgraçados que a sociedade burguesa para as suas garras atirou, estão cavando a miséria nos lares de alguns operários de mobiliário.

Explicando: adentro da Penitenciária de Coimbra existem diversas oficinas, entre as quais uma de mobiliário. Nela trabalham aproximadamente cinqüenta presos, produzindo incessantemente por um salário de 3 escudos.

Entretanto a indústria particular não chega a comportar 40 operários, andando, aproximadamente, 20 desempregados—mostrado, claro está, por os industriais particulares, na maioria, não terem trabalhos para fazer em virtude da concorrência da oficina da Penitenciária, que pode, pela exploração que exerce sobre os presos, vender muito mais barato.

E assim, caminham para a miséria alguns lares de operários de mobiliário, por não terem oficinas onde trabalhem, enquanto os industriais arrematantes da oficina da Penitenciária vão fazendo grossa fortuna, explorando os pobres presos, e ainda, arruinando a indústria, pois, os trabalhos lá feitos são atentatórios da arte da mesma indústria.

Esse grupo de operários na sua primeira reunião, para tratar deste caso, resolveu apelar por intermédio de A Batalha para que todos os operários da indústria de mobiliário de Coimbra se unam como um só, para poder-se salvaguardar os seus legítimos interesses.—C.

### A REACÇÃO EM TORRES NOVAS

#### MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

### A luta pelos salários e pelas oito horas na Alemanha

As influências do prior de São Pedro—A juventude católica—A invasão jesuítica no hospital—Os católicos e o sindicalismo

TORRES NOVAS, 9.—É inconcebível a ação perniciosa e abjecta dos reactionários locais, que, com o seu ignobil trabalho de sapa têm conseguido ardilosamente apoderar-se de todas as instituições de beneficência e até da Câmara Municipal. Deve-se esta obra a um reduzido número de intelectuais e à nelasta propaganda feita pelos tonsurados, utilizando-se principalmente do antro corruptor, o confessionário, onde arrebanham a maioria dos seus prosélitos.

O asqueroso bando é chefiado pelo sacerdote e audacioso jesuíta prior de São Pedro, agente principal do reactionismo local, chefe mór da tão decantada “juventude católica”, que, a pesar dos seus sofismas atraentes se encontra há muito desmorolizada.

E com um descalço inaudito que os loianos aqui actuam; para conseguirem a afluência dos rapazes na juventude fazem uso de todos os artifícios e engenhos, que a primeira condição para elaborar um contrato colectivo nacional, era o reconhecimento do dia das oito horas como duração máxima de trabalho.

Os delegados operários declararam, no momento de entabular as negociações, que a primeira condição para elaborar um contrato colectivo nacional, era o reconhecimento do dia das oito horas como duração máxima de trabalho.

Certamente que a pressão crescente da classe operária (mercé da consciência das necessidades, cada vez mais clara, e da solidariedade) teve por consequência a melhoria das condições de vida.

Este melhoramento, porém, é muito relativo, nem mesmo está em relação com a produtividade, nem com as modernas具备sidades de gosto, de que tão somente aproveita a burguesia. Além de que as necessidades aumentaram. A intensidade do trabalho, por exemplo, a aglomeração nos grandes centros urbanos criaram necessidades, outrora menos urgentes. Se, porém, os proletários podem usar camisa, coisa desconhecida dos servos da idade-média, nem assim são mais felizes. O resultado, pelo contrário, é um maior sofrimento, uma miséria mais profunda, se de repente ficam privados das satisfações habituais, em virtude de qualquer falta de trabalho. A vida é sempre assim precária. Os operários continuam a ganhar apenas para sustentarem, e todos os paliativos propostos (reformas, seguros), são incapazes de suprir o salário, com seu cortejo de miséria e escravidão, quando persistir a mais revoltante desigualdade social, em proveito de octócos maiores.

O aumento de salário é muitas vezes um ganho ilusório, por causa da correlativa elevação do preço dos meios desubsistência (mercadorias, habitação). A diminuição do tempo de trabalho pode dar melhores resultados. É certo que os criados de café, por exemplo, que dão geralmente deserto horas de trabalho quotidiano, só teriam a ganhar com a diminuição do dia de trabalho. Em certas corporações, porém, parte do ganho se perde, por maior intensificação do trabalho e mais rápida fadiga.

Todas estas melhorias apenas têm valor relativo. Além disso, as crises económicas, resultantes da concorrência desenfreada e da falta de acordo racional na produção podem fazê-las desaparecer, pelo menos temporariamente, a pesar da pressão proletária; em suma, estão fixadas em muito estreitos limites. De toda a maneira as reivindicações operárias se chocam com a própria constituição do regime capitalista.

Ante o preâmbulo resultado dos seus esforços, os operários depressa compreendem que o alvo da luta devia ser a supressão da exploração patronal. E cada vez mais se persuadem de que a sua completa emancipação não será possível senão pela apropriação dos meios produtivos, de maneira a poderem disfrutar livre e completamente os produtos do seu trabalho.

Foi assim que se operou a evolução dos espíritos na Internacional. De comigo, imbuídos de teorias vagamente humanitárias (Coutlery), ou das doutrinas dos mutualistas prudonianos, os aderentes à grande associação rapidamente passaram, na sua maioria, às concepções comunistas ou colectivistas.

O Sindicalismo visa a contrapor-se, órgão por órgão, táctica por táctica, à organização capitalista, eliminando os seus órgãos autoritários e parasitários.

### RESPIGANDO...

### A educação revolucionária

A experiência mostra que o proletário deve sustentar continuamente o seu esforço, para não recuar na pior opressão. Para conservar a mínima reforma é preciso que a pressão operária não enfraqueça um só instante. É preciso lutar todos os dias para limitar a exploração patronal. Os patrões, logo que podem, retiram as vantagens concedidas (estação da palha, superabundância dos sem-trabalho): eliminam, quase sem se dar por isso, os operários que lhes não convêm, diminuem os salários, aumentam as horas de trabalho, ou, melhor, intensificam o trabalho; ou, então, conservando na aparência, as mesmas condições, aumentam o preço dos produtos, e os proprietários aumentam o preço das casas.

Certamente que a pressão crescente da classe operária (mercé da consciência das necessidades, cada vez mais clara, e da solidariedade) teve por consequência a melhoria das condições de vida.

Este melhoramento, porém, é muito relativo, nem mesmo está em relação com a produtividade, nem com as modernas具备sidades de gosto, de que tão somente aproveita a burguesia. Além de que as necessidades aumentaram. A intensidade do trabalho, por exemplo, a aglomeração nos grandes centros urbanos criaram necessidades, outrora menos urgentes. Se, porém, os proletários podem usar camisa, coisa desconhecida dos servos da idade-média, nem assim são mais felizes. O resultado, pelo contrário, é um maior sofrimento, uma miséria mais profunda, se de repente ficam privados das satisfações habituais, em virtude de qualquer falta de trabalho. A vida é sempre assim precária. Os operários continuam a ganhar apenas para sustentarem, e todos os paliativos propostos (reformas, seguros), são incapazes de suprir o salário, com seu cortejo de miséria e escravidão, quando persistir a mais revoltante desigualdade social, em proveito de octócos maiores.

O aumento de salário é muitas vezes um ganho ilusório, por causa da correlativa elevação do preço dos meios desubsistência (mercadorias, habitação). A diminuição do tempo de trabalho pode dar melhores resultados. É certo que os criados de café, por exemplo, que dão geralmente deserto horas de trabalho quotidiano, só teriam a ganhar com a diminuição do dia de trabalho. Em certas corporações, porém, parte do ganho se perde, por maior intensificação do trabalho e mais rápida fadiga.

Todas estas melhorias apenas têm valor relativo. Além disso, as crises económicas, resultantes da concorrência desenfreada e da falta de acordo racional na produção podem fazê-las desaparecer, pelo menos temporariamente, a pesar da pressão proletária; em suma, estão fixadas em muito estreitos limites. De toda a maneira as reivindicações operárias se chocam com a própria constituição do regime capitalista.

Ante o preâmbulo resultado dos seus esforços, os operários depressa compreendem que o alvo da luta devia ser a supressão da exploração patronal. E cada vez mais se persuadem de que a sua completa emancipação não será possível senão pela apropriação dos meios produtivos, de maneira a poderem disfrutar livre e completamente os produtos do seu trabalho.

Foi assim que se operou a evolução dos espíritos na Internacional. De comigo, imbuídos de teorias vagamente humanitárias (Coutlery), ou das doutrinas dos mutualistas prudonianos, os aderentes à grande associação rapidamente passaram, na sua maioria, às concepções comunistas ou colectivistas.

ACHAMOS OPORTUNO DIRIGIR ALGUMAS PALAVRAS AOS TRABALHADORES DE PORTUGAL, PRINCIPALMENTE AOS TRABALHADORES ORGANIZADOS E MAIS PARTICULARMENTE AQUELES QUE CO-MUNGRAM CONNOSCO AS IDEIAS DE EMANCIPAÇÃO INTEGRAL DO PROLETARIADO. PALAVRAS QUE SÃO UM APÉLIO AOS SEUS SENTIMENTOS DE SOLIDARIEDADE, MAS QUE NÃO DEVEM SER TOMADAS À CONTA DE “GRITO DE FOME” OU DE “BRADO DE REVOLTA” CONTRA O INDIFERENTISMO A QUE TEMOS SIDO ULTIMAMENTE VOTADOS; QUE A FOME E TUDO MAIS QUE NOS ERGASTULOS DA REPÚBLICA SE POSSA SOFRER NÃO É SENÃO O PRODUTO DO SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO CONTRA O QUAL COMBATEMOS E TODOS OS REVOLUCIONÁRIOS SOCIAIS DESEJAM VÉR DERRUBADO PARA TODO O SEMPRE.

ESSO INDIFERENTISMO, ALÍSS, É SIMPLESMENTE APARENTE.

OS TRABALHADORES CONSCIENTES NUNCA ABANDONARAM OS SEUS IRMÃOS, OS SEUS CAMARADES PRESOS! APENAS ACCEDIDOS PELA FORMIDÁVEL CRISE QUE AVASSALOU TODOS OS LARES, NÃO TÊM PODIDO ACORRER, COMO É DE SUA VONTADE, AQUELE que apropria-se de sítios de solidariedade, mas que não devem ser tomadas à conta de “GRITO DE FOME” OU DE “BRADO DE REVOLTA” CONTRA O INDIFERENTISMO A QUE TEMOS SIDO ULTIMAMENTE VOTADOS; QUE A FOME E TUDO MAIS QUE NOS ERGASTULOS DA REPÚBLICA SE POSSA SOFRER NÃO É SENÃO O PRODUTO DO SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO CONTRA O QUAL COMBATEMOS E TODOS OS REVOLUCIONÁRIOS SOCIAIS DESEJAM VÉR DERRUBADO PARA TODO O SEMPRE.

ACHAMOS OPORTUNO DIRIGIR ALGUMAS PALAVRAS AOS TRABALHADORES DE PORTUGAL, PRINCIPALMENTE AOS TRABALHADORES ORGANIZADOS E MAIS PARTICULARMENTE AQUELES QUE CO-MUNGRAM CONNOSCO AS IDEIAS DE EMANCIPAÇÃO INTEGRAL DO PROLETARIADO. PALAVRAS QUE SÃO UM APÉLIO AOS SEUS SENTIMENTOS DE SOLIDARIEDADE, MAS QUE NÃO DEVEM SER TOMADAS À CONTA DE “GRITO DE FOME” OU DE “BRADO DE REVOLTA” CONTRA O INDIFERENTISMO A QUE TEMOS SIDO ULTIMAMENTE VOTADOS; QUE A FOME E TUDO MAIS QUE NOS ERGASTULOS DA REPÚBLICA SE POSSA SOFRER NÃO É SENÃO O PRODUTO DO SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO CONTRA O QUAL COMBATEMOS E TODOS OS REVOLUCIONÁRIOS SOCIAIS DESEJAM VÉR DERRUBADO PARA TODO O SEMPRE.

ACHAMOS OPORTUNO DIRIGIR ALGUMAS PALAVRAS AOS TRABALHADORES DE PORTUGAL, PRINCIPALMENTE AOS TRABALHADORES ORGANIZADOS E MAIS PARTICULARMENTE AQUELES QUE CO-MUNGRAM CONNOSCO AS IDEIAS DE EMANCIPAÇÃO INTEGRAL DO PROLETARIADO. PALAVRAS QUE SÃO UM APÉLIO AOS SEUS SENTIMENTOS DE SOLIDARIEDADE, MAS QUE NÃO DEVEM SER TOMADAS À CONTA DE “GRITO DE FOME” OU DE “BRADO DE REVOLTA” CONTRA O INDIFERENTISMO A QUE TEMOS SIDO ULTIMAMENTE VOTADOS; QUE A FOME E TUDO MAIS QUE NOS ERGASTULOS DA REPÚBLICA SE POSSA SOFRER NÃO É SENÃO O PRODUTO DO SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO CONTRA O QUAL COMBATEMOS E TODOS OS REVOLUCIONÁRIOS SOCIAIS DESEJAM VÉR DERRUBADO PARA TODO O SEMPRE.

ACHAMOS OPORTUNO DIRIGIR ALGUMAS PALAVRAS AOS TRABALHADORES DE PORTUGAL, PRINCIPALMENTE AOS TRABALHADORES ORGANIZADOS E MAIS PARTICULARMENTE AQUELES QUE CO-MUNGRAM CONNOSCO AS IDEIAS DE EMANCIPAÇÃO INTEGRAL DO PROLETARIADO. PALAVRAS QUE SÃO UM APÉLIO AOS SEUS SENTIMENTOS DE SOLIDARIEDADE, MAS QUE NÃO DEVEM SER TOMADAS À CONTA DE “GRITO DE FOME” OU DE “BRADO DE REVOLTA” CONTRA O INDIFERENTISMO A QUE TEMOS SIDO ULTIMAMENTE VOTADOS; QUE A FOME E TUDO MAIS QUE NOS ERGASTULOS DA REPÚBLICA SE POSSA SOFRER NÃO É SENÃO O PRODUTO DO SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO CONTRA O QUAL COMBATEMOS E TODOS OS REVOLUCIONÁRIOS SOCIAIS DESEJAM VÉR DERRUBADO PARA TODO O SEMPRE.

ACHAMOS OPORTUNO DIRIGIR ALGUMAS PALAVRAS AOS TRABALHADORES DE PORTUGAL, PRINCIPALMENTE AOS TRABALHADORES ORGANIZADOS E MAIS PARTICULARMENTE AQUELES QUE CO-MUNGRAM CONNOSCO AS IDEIAS DE EMANCIPAÇÃO INTEGRAL DO PROLETARIADO. PALAVRAS QUE SÃO UM APÉLIO AOS SEUS SENTIMENTOS DE SOLIDARIEDADE, MAS QUE NÃO DEVEM SER TOMADAS À CONTA DE “GRITO DE FOME” OU DE “BRADO DE REVOLTA” CONTRA O INDIFERENTISMO A QUE TEMOS SIDO ULTIMAMENTE VOTADOS; QUE A FOME E TUDO MAIS QUE NOS ERGASTULOS DA REPÚBLICA SE POSSA SOFRER NÃO É SENÃO O PRODUTO DO SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO CONTRA O QUAL COMBATEMOS E TODOS OS REVOLUCIONÁRIOS SOCIAIS DESEJAM VÉR DERRUBADO PARA TODO O SEMPRE.

ACHAMOS OPORTUNO DIRIGIR ALGUMAS PALAVRAS AOS TRABALHADORES DE PORTUGAL, PRINCIPALMENTE AOS TRABALHADORES ORGANIZADOS E MAIS PARTICULARMENTE AQUELES QUE CO-MUNGRAM CONNOSCO AS IDEIAS DE EMANCIPAÇÃO INTEGRAL DO PROLETARIADO. PALAVRAS QUE SÃO UM APÉLIO AOS SEUS SENTIMENTOS DE SOLIDARIEDADE, MAS QUE NÃO DEVEM SER TOMADAS À CONTA DE “GRITO DE FOME” OU DE “BRADO DE REVOLTA” CONTRA O INDIFERENTISMO A QUE TEMOS SIDO ULTIMAMENTE VOTADOS; QUE A FOME E TUDO MAIS QUE NOS ERGASTULOS DA REPÚBLICA SE POSSA SOFRER NÃO É SENÃO O PRODUTO DO SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO CONTRA O QUAL COMBATEMOS E TODOS OS REVOLUCIONÁRIOS SOCIAIS DESEJAM VÉR DERRUBADO PARA TODO O SEMPRE.

ACHAMOS OPORTUNO DIRIGIR ALGUMAS PALAVRAS AOS TRABALHADORES DE PORTUGAL, PRINCIPALMENTE AOS TRABALHADORES ORGANIZADOS E MAIS PARTICULARMENTE AQUELES QUE CO-MUNGRAM CONNOSCO AS IDEIAS DE EMANCIPAÇÃO INTEGRAL DO PROLETARIADO. PALAVRAS QUE SÃO UM APÉLIO AOS SEUS SENTIMENTOS DE SOLIDARIEDADE, MAS QUE NÃO DEVEM SER TOMADAS À CONTA DE “GRITO DE FOME” OU DE “BRADO DE REVOLTA” CONTRA O INDIFERENTISMO A QUE TEMOS SIDO ULTIMAMENTE VOTADOS; QUE A FOME E TUDO MAIS QUE NOS ERGASTULOS DA REPÚBLICA SE POSSA SOFRER NÃO É SENÃO O PRODUTO DO SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO CONTRA O QUAL COMBATEMOS E TODOS OS REVOLUCIONÁRIOS SOCIAIS DESEJAM VÉR DERRUBADO PARA TODO O SEMPRE.

ACHAMOS OPORTUNO DIRIGIR ALGUMAS PALAVRAS AOS TRABALHADORES DE PORTUGAL, PRINCIPALMENTE AOS TRABALHADORES ORGANIZADOS E MAIS PARTICULARMENTE AQUELES QUE CO-MUNGRAM CONNOSCO AS IDEIAS DE EMANCIPAÇÃO INTEGRAL DO PROLETARIADO. PALAVRAS QUE SÃO UM APÉLIO AOS SEUS SENTIMENTOS DE SOLIDARIEDADE, MAS QUE NÃO DEVEM SER TOMADAS À CONTA DE “GRITO DE FOME” OU DE “BRADO DE REVOLTA” CONTRA O INDIFERENTISMO A QUE TEMOS SIDO ULTIMAMENTE VOTADOS; QUE A FOME E TUDO MAIS QUE NOS ERGASTULOS DA REPÚBLICA SE POSSA SOFRER NÃO É SENÃO O PRODUTO DO SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO CONTRA O QUAL COMBATEMOS E TODOS OS REVOLUCIONÁRIOS SOCIAIS DESEJAM VÉR DERRUBADO PARA TODO O SEMPRE.

ACHAMOS OPORTUNO DIRIGIR ALGUMAS PALAVRAS AOS TRABALHADORES DE PORTUGAL, PRINCIPALMENTE AOS TR